

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS- UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO- ESAT
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM TEATRO**

**ESCOLA DA FLORESTA:
UM CAMINHO PARA PENSAR O PAPEL DO TEATRO DENTRO DAS
ESCOLAS TRANSFORMADORAS NO SÉCULO XXI**

VANESSA PIMENTEL

**MANAUS
2019**

VANESSA PIMENTEL

**ESCOLA DA FLORESTA:
UM CAMINHO PARA PENSAR O PAPEL DO TEATRO DENTRO DAS
ESCOLAS TRANSFORMADORAS NO SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Teatro, sob orientação da Prof^a MsC. Carolina Cecília Carvalho Nogueira.

MANAUS

2019

Escola da Floresta:

Um caminho para pensar o papel do teatro dentro das escolas transformadoras no século XXI

Resumo

O presente artigo tem como objetivo pensar o teatro como uma possível metodologia para ampliar os horizontes educacionais das escolas transformadoras do século XXI, auxiliando os professores e alunos a experimentarem outras possibilidades criativas através de vivências com o fazer teatral, levando em conta a capacidade do teatro de se tornar uma poderosa ferramenta interdisciplinar ajudando o aluno a ampliar sua compreensão sobre outras áreas do conhecimento. Para tanto, fazemos um passeio primeiramente sobre o que vem a ser uma escola transformadora pautando seus aspectos positivos e seus desafios na atualidade, compreendendo porque cada dia mais essa proposta pedagógica vem substituindo a educação tradicionalista que com tantas urgências já não é suficiente. Buscando também fazer uma apresentação de duas dessas escolas na cidade de Manaus. E por fim urge pensar uma escola transformadora não importada mas sim adaptada às realidades da nossa região, por compreender não ser mais adequado a utilização de modelos de ensino- aprendizagem pré estabelecidos de outras regiões do País ou até mesmo do exterior, mas entendendo que a educação do futuro tem como base uma escola democrática, pautada na diversidade cultural e especificidades do homem nortista e da sua própria cultura e que por isso propõe-se aqui, neste artigo, uma escola com uma dimensão territorial imaterial, uma escola da **Floresta**.

Palavras-chave: Escola da Floresta. Escolas Transformadoras. Teatro. Metodologia.

Forest School:

A way to think about the role of theater within transformative schools in the 21st century

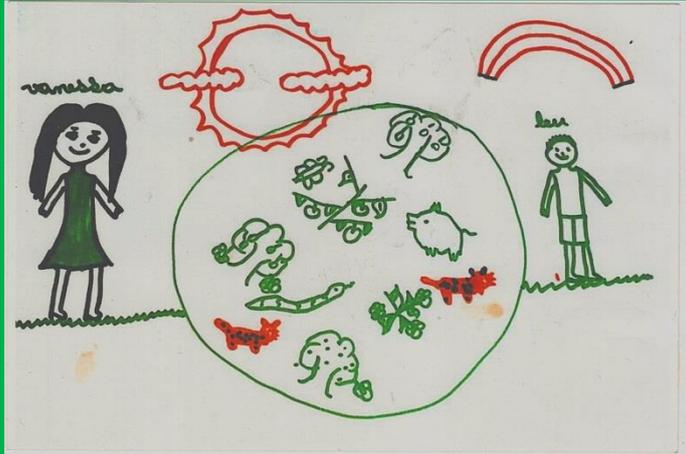
Abstract

The aim of this article is to think of theater as a possible methodology to broaden the educational horizons of 21st century transforming schools, helping teachers and students to experiment with other creative possibilities through experiences with theatrical performance, taking into account the capacity of the teacher. theater become a powerful interdisciplinary tool helping the student broaden their understanding of other areas of knowledge. To this end, we take a tour first of what becomes a transformative school based on its positive aspects and its challenges today, understanding why this pedagogical proposal is increasingly replacing traditionalist education that with so many urgencies is no longer enough. Also seeking to make a presentation of two of these schools in the city of Manaus. And finally, it is urgent to think of a transformative school that is not imported, but adapted to the realities of our region, because it is no longer appropriate to use pre-established teaching-learning models from other regions of the country or even from abroad, but understanding that The education of the future is based on a democratic school, based on the cultural diversity and specificities of northerners and their own culture, which is why this article proposes a school with an immaterial territorial dimension, a forest school.

Keywords: Forest School. Transforming Schools. Theater. Methodology.



VANESSA PIMENTEL



Introdução

Quando visitamos um aldeamento indígena nos encantamos com a maneira íntima com que os povos indígenas tratam o meio ambiente e seus recursos naturais, tudo em tão perfeita sintonia que não concebe separar durante suas festividades e seus rituais, o corpo, a mente, do espírito. Assim, é possível observar que os costumes e crenças herdados de seus antepassados, sua riqueza e diversidade cultural, os acompanha em todas as diferentes fases de suas existências, por ser algo fundamental para sua sobrevivência e preservação de seus valores e crenças, sua cultura e também para o amadurecimento e saúde dos seus diversos ciclos da vida (infância, maturidade e velhice) e dessa forma dando maior significado a toda a sua formação educacional, seja acadêmica ou até mesmo humana.

Observa-se então nas escolas indígenas que todos aprendem a preservar sua língua materna durante o período de alfabetização, as músicas cantadas são de origem indígena, conforme a etnia daquela comunidade, lendas são perpetuadas quando contadas de pai para filhos, o poder de cura das plantas medicinais da Amazônia também são passadas de geração para geração nos ritos de pajelança, e mesmo que os indígenas ocupem outros territórios como os grandes centros urbanos ou mesmo com o advento das novas tecnologias, os povos da floresta em seus costumes e hábitos não perdem sua tradição. Então, por que motivo o homem nortista durante seu período de formação educacional esquece suas raízes que irão formar sua identidade cultural?

O processo de ensino e aprendizagem não se limita apenas aos livros, mas compreende todo arcabouço de possibilidades que nos cercam, e se faz necessário com a chegada desse novo tempo que as escolas transformadoras vêm trazendo. Deve-se atentar para esses novos caminhos do saber, respeitando todos em seus diferentes níveis de desenvolvimento seja ele cognitivo ou intelectual, entendendo que a escola atualmente precisa também auxiliar as famílias a cumprirem o papel de educar crianças e jovens num processo colaborativo onde todos possuem a capacidade de ensinar e

aprender. Nessa perspectiva, o teatro não deve estar desassociado dessa nova proposta educacional, funcionando como um agente ativo para que aprendam através da arte e de processos de ludicidade a formar um repertório rico de possibilidades de ensino e aprendizagem, como por exemplo, encenar autores locais, contribuindo para o resgate da cultura local e também do nosso imenso patrimônio cultural.

A escola tradicional de cada dia

Sabe-se que a responsabilidade de educar nos dias de hoje não é uma coisa muito fácil pois os tempos são outros e com todos os avanços tecnológicos existentes, cativar a atenção de um aluno, a cada dia que passa, não é uma tarefa fácil. A começar pela primeira ambiente de ensino-aprendizagem ou educação, que é a família e a forma como um dos primeiros educadores, os pais, se relacionam com seus filhos, visto que em era de redes sociais e novas tecnologias sendo desenvolvidas cada vez mais, os pais, possuem um contato cada vez menos frequente com os filhos, e isso por sua vez, caracteriza um dos primeiros desafios para educação na contemporaneidade.

Digo isso, devido ao primeiro aspecto apontado no parágrafo anterior, o de que cabe a família o primeiro papel de educar e formar crianças, jovens pois quando essa relação se fragiliza, ela de alguma forma contribui para possíveis problemas em sala de aula, ou na própria construção de conhecimento, porque não é possível dissociar família, escola e o processo de ensino-aprendizagem no período formativo que não deve nunca ser fragmentado.

Atualmente, os pais costumam disputar a atenção dos filhos com jogos eletrônicos, TV's a cabo, e serviços de assinatura como o Netflix e porque não dizer com uma infinidade de conteúdos existentes na internet e os diversos grupos de contato via WhatsApp, entre outros. Esses novos hábitos na

atualidade roubam, muitas vezes, a cena e o tempo de grande parte das crianças e adolescentes, e o que antes dispensado aos familiares, amigos, colegas, parentes, quer seja numa conversa informal ou mesmo durante os passeios promovidos pela escola ou pela família.

O fato é que hoje em dia, crianças e jovens não contemplam mais o silêncio ou mesmo uma paisagem. Estão mais preocupados ou atraídos em registrar momentos por meio de selfies e conversas sobre status, poder aquisitivo etc, por exemplo, quase não se ouve mais falar de fotografias reveladas, em álbuns, que carregam memórias e afetos, isso se tornou coisa rara, hoje o que realmente tem valor é "a minha imagem virtual com muitos aplicativos de embelezamento, minha figura idealizada e não real" e por aí vai. Mas quem se questiona como fica a cabeça dessas crianças, desses jovens nessa corrida para se encaixar em um padrão já estabelecido pela sociedade?

Penso que a escola, de alguma forma, pode se pôr à disposição para contribuir com este resgate de crianças e jovens, durante o processo de formação da personalidade e na construção dos novos conhecimentos científicos e humanos que sustentam os desafios, a descoberta do mundo, pois a rotina frenética dos grandes centros urbanos não contribui para um bem estar dessas crianças e jovens, nem no seu desenvolvimento, autoconhecimento e muito menos com o desenvolvimento de relações substanciais com o outro. A globalização dessa revolução tecnológica é tanta que mesmo os alunos e famílias das zonas rurais, que se encontram distanciadas dos grandes conglomerados urbanos, não possuem mais a calma e os recursos dos tempos de nossos pais e avós, cuja principal dela, destaco aqui que seja a criatividade de ensinar e aprender.

A sociedade capitalista prega a produção em massa e o consumo de bens a todo custo, cada dia produzimos mais e consumimos uma infinidade de produtos sempre com ofertas tentadoras e últimos lançamentos. O descarte desse consumo de produtos que não são reciclados e nem reaproveitados estão na natureza, soterrando os igarapés de lixo e sujando as ruas. E infelizmente a educação ambiental ainda é um tema ainda pouco desenvolvido nas escolas tradicionais, e os alunos em sua grande maioria, pouco sabem sobre o consumo consciente, e por isso cabe à escola transformadora,

intensificar também por meio de campanhas, rodas de conversa como o objetivo de preservar o planeta, que dentro de uma perspectiva mais holística é sinônimo de nossa própria casa.

Por isso acredito que se analisarmos a vida de um indivíduo desde o seu nascimento até sua finitude, em diferentes faces e aspectos, veremos que as lacunas psíquicas emocionais e sociais só serão preenchidas se tiverem o acesso e oportunidade de vivenciarem uma educação de base que também seja sustentável, para formação de um indivíduo pleno de sua responsabilidade consigo e com o mundo, em seus deveres e direitos, porque uma sociedade justa se faz de pessoas às quais os discursos estão em sintonia com a prática.

E sem dúvida por todos esses e outros fatores que, a escola tradicional precisa ser urgentemente reavaliada e reformulada, para que possamos começar um novo tempo na educação, tempo esse que urge com tantas problemáticas e diferenças sociais.

Refletindo sobre as jornadas diárias de trabalho docente na educação bancária do século passado, sua metodologia e sua matriz curricular que ainda hoje se aplicam a realidade da maioria das escolas públicas e particulares dos nossos tempos, nota-se que a missão dessas escolas eram de ampliarem seu repertório intelectual, tão somente, ou seja de fazerem seus alunos passarem nos concursos solicitados e também formar de maneira técnica para o mercado de trabalho.

É tido como legítimo que num mundo capitalista a preocupação com o fator profissional esteja presente na educação formal. O que se pergunta e se a educação deveria resumir a esse tipo de finalidade. Temos visto que a convivência humana tem se tornado cada vez mais difícil em função da perda de valores humanos básicos como honestidade, solidariedade, respeito, amor ao trabalho, dignidade e igualdade, dentre tantos outros. (FERREIRA, 2014, p.5)

Segundo o autor Claudio Ferreira (2014), cabe à escola a função de desenvolver em seus alunos durante seu processo educacional, muito além do que simplesmente suas capacidades físicas e intelectuais, mais o senso crítico e o exercício constante da cidadania. Auxiliando-os individualmente a garantirem um bom rendimento durante as atividades e desafios da vida

escolar do dia a dia, integrando-os a ideia de autonomia e coletividade, ajudando-os a trabalhar continuamente na busca por melhorias para a comunidade e a escola a qual pertencem.

A chamada vida moderna tem levado as pessoas a assumir uma sobrecarga de compromissos e os valores disseminados pelo capitalismo vigente, as tem tornado mais insatisfeitas, infelizes e frustradas. O cérebro mal alimentado exposto a poluentes e agrotóxicos e a mente sofrendo pressões cada vez mais intensas, começam a ter dificuldades em funcionar bem. A dor psíquica e um pedido de mudanças, quer nas relações afetivas, quer nas relações com a mãe natureza, quer nas atividades de trabalho e lazer (FERREIRA, 2014, p.207).

O padrão de vida do homem contemporâneo não é sustentável e não garante longevidade nem saúde física e emocional por muito mais tempo, por isso é necessário uma reforma urgente nos costumes e hábitos, que vá contra esse sistema de educação tradicional, modelos de vida e de trabalho já estabelecidos, onde a indústria farmacêutica e alimentícia caminham juntas para o adoecimento do corpo e da alma desses indivíduos pois essas doenças psíquicas que aí estão, na vida real, cada vez mais manifestadas, nada mais são do que um pedido de socorro, uma alerta para preservação da própria natureza humana e do planeta, e a escola não pode ignorar isso.

Durante minha formação educacional essa proposta de ensino e aprendizagem tradicional, não foi necessariamente uma mola propulsora para trabalhar em mim múltiplos talentos, e muito menos, alimentar um processo saudável, criativo, uma aptidão artística que já se encontrava em minha vocação. Muito pelo contrário, o fato de eu ser uma aluna tímida e introspectiva e já apresentar problemas psíquicos como a bipolaridade, me colocavam vulnerável a questões de bullying e assédio por parte de professores e alunos que por longos anos tive que conviver de forma estritamente opressora e hierárquica.

Hoje analisando meu histórico acadêmico não acredito nesse modelo de educação tradicional por pensar que este já ficou obsoleto, não possuindo uma metodologia que tenha, prioritariamente, compromisso com o desenvolvimento integral do educando, físico, mental e espiritual, somente de maneira superficial sem levar em conta qual o perfil do aluno e a realidade a qual este aluno está inserido, seus desejos suas particularidades.

Levando este perfil de aluno na maioria das vezes a se comportar de forma insegura, diante dos problemas e obstáculos na formação de sua personalidade na vida futura, bem como se relacionar com outras pessoas de diferentes classes, gênero, raça, religião etc.

Analiso dessa forma por observar que o acúmulo de tarefas e conteúdos solicitados aos alunos, que não são garantia de desenvolvimento intelectual integral, e ainda que fosse, provoca um stress mental e causa desinteresse no processo de ensino-aprendizagem durante as aulas e em toda sua formação educacional.

Da mesma forma psicologicamente, o ser humano tem condições de se manter saudável com seu corpo por muitas décadas, no entanto, não é isso que ocorre. As angústias e conflitos gerados pelo desacordo entre a expectativa interna e a realidade do dia a dia, aos poucos levam a adoecer uma mente (FERREIRA p.4, 2014).

Segundo o autor Claudio Ferreira (2014), a escola deverá possuir em sua metodologia educacional práticas, que por sua vez, sejam capazes de garantir por meio de uma orientação mais individualizada, um olhar mais atento e uma escuta sensibilizada. a saúde psíquica e emocional das nossas crianças e jovens, auxiliando-os a enfrentarem os obstáculos da vida cotidiana, dentro de seus ambientes escolares. Pois, todos que são submetidos a traumas e frustrações durante seu período formativo são passíveis de adoecimento.

Percebe-se com esses apontamentos que a escola tradicional não está dando mais conta dos inúmeros problemas de ordem psicológica e emocional que estão surgindo com a chegada do novo tempo, e tornou se uma necessidade manter o nível de relacionamento interpessoal saudável entre professores e alunos e também um bom relacionamento entre os próprios alunos, e isso se faz inserindo como uma das competências interdisciplinares de ensino, uma disciplina voltada à educação emocional.

É interessante compreender que a escola assim, como a família, possui papel fundamental de formar esse indivíduo também como ser humano, de estimular a busca por novos saberes como por exemplo a educação ambiental, (sintonia com a biodiversidade e o meio ambiente) nutrição,

culinária, (a busca por uma alimentação saudável), o manuseio da terra no cultivo de plantas e hortaliças, manipulação de óleos essenciais, trabalhos manuais, crochê, tricô pinturas em tecidos e telas, artesanatos, confecção de figurinos e cenários, manipulação e confecção de bonecos, a expressão corporal em diferentes ritmos, a dramaturgia e a encenação de espetáculos, diversas expressões de dança, iniciação musical e aprendizagem de instrumentos entre outros, ou seja todo tipo de atividades e conteúdos que serão necessárias a formação cognitiva e intelectual dos alunos

Escola Transformadora: Uma porta para um novo tempo

Partindo do princípio de que se resolvermos os pilares da educação resolveríamos em parte o problema da sociedade, aqui vamos nos atentar para o que esse novo padrão de escolas transformadoras vem trazendo nesse arcabouço metodológico de ministrar as disciplinas da matriz curricular e sua avaliação durante o ano letivo.

Assim refletindo sobre o perfil da sociedade do século XXI chegamos a conclusão de que nunca o estilo de vida escolhido fora tão individualista, consumista e frente aos problemas que a própria sociedade capitalista (dentro de uma lógica selvagem) atravessa. Por outro lado, alguns educadores, como por exemplo, José Pacheco (2014) começaram a perceber que esse sistema das leis de produção e consumo já não garantem a sustentabilidade e preservação da humanidade e do próprio planeta, por isso uma reforma de valores e comportamentos, seria necessário, influenciando assim as novas gerações.

E quem melhor do que a escola para cumprir esse papel tão pouco explorado pelas diversas áreas do conhecimento? Com a chegada das novas tecnologias e do acesso rápido a uma gama de informações, podemos perceber que a autonomia e a liberdade de expressão com diferentes versões e de diversos lugares do mundo se tornou possível.

Em se tratando de relações humanas, e também das relações entre educadores e educandos, a vivência formativa proposta pode ser generosa, democrática, enriquecedora por meio de uma escuta sensível de ambas as partes envolvida no processo educativo de ensinar e aprender.

A formação é um meio e não um fim em si mesma, e não é também os professores. Estes são mediadores de formação em desenvolvimento que passam da identificação e valorização do saber a sua partilha, inseridos num sistema social em que detém competências específicas (PACHECO, 2014, p.28).

Segundo o autor José Pacheco (2014), não devemos pensar que a formação educacional é um processo encerrado em si mesma, mas sim um processo para instigar a pesquisa e a construção dos novos saberes continuamente, assim ampliando a visão de mundo de que recebe e compartilha essas novas ideias e conceitos dentro de uma sociedade com papéis sociais distintos.

O perfil do aluno desse novo século mudou, e com tantas informações chegando por meio da internet, torna-se difícil tê-lo passivo, uma folha em branco, um recipiente vazio que na medida que o professor deposita conhecimento vai se enchendo e o professor por sua vez, tende a não ser somente o detentor de todo o notório saber, aquele que de forma absoluta, aplica em sala de aula todas as normas do processo da construção para o conhecimento e que por isso de forma dominante, dita as regras que o alunos deverão seguir sem questionar.

O aluno desse século, ao contrário, do anterior é, potencialmente, um protagonista de seu tempo, um pesquisador, que busca, avaliar, comparar, investigar novos saberes enquanto que o professor dentro dessas escolas transformadoras tende a ser mediador, incentivador para a assimilação desses conteúdos da matriz curricular e também extracurriculares.

E por assim dizer que surge o projeto das escolas transformadoras, como por exemplo a Escola Municipal da Ponte, localizada nas proximidades da cidade de Porto em Portugal, implantado no ano de 1976, com o objetivo de procurar resolver alguns problemas socioculturais e circunstâncias que se

apresentavam acerca das comunidades que frequentavam a escola, como o isolamento de professores, a exclusão escolar e social de muitos alunos, a indisciplina generalizada e agressões a professores.

A ausência de um verdadeiro projeto pedagógico, que defende a transformação social por meio da educação e da integração entre alunos, professores, escola, comunidade, gestores, secretarias, desempenhando de forma colaborativa cada qual o seu papel do ambiente que o cercam de uma reflexão crítica das práticas educativas para construção do futuro.

As crianças que chegavam à escola com uma cultura diferente da que aqui prevalecia eram desfavorecidas pelo não reconhecimento de sua experiência sociocultural. Algumas das crianças que acolhemos transferiram para vida escolar os problemas sociais dos bairros pobres onde viviam. Exigiam de nós uma atitude de grande atenção e investimento no domínio afetivo e emocional. (PACHECO, p.13, 2014).

Segundo José Pacheco (2014), a questão da inclusão social se fazia necessária porque as crianças que eram acolhidas transportavam para seu ambiente escolar toda as mazelas e problemáticas vivenciadas na sua dura realidade. Nesse momento se tornou imprescindível renovar o projeto político pedagógico tornado – o mais sensível, humano, democrático, autônomo, personalizado, afetivo, dentro dessa relação formativa, entre professores e alunos.

A filosofia da Escola da Ponte, baseada em diversos autores, dentre eles Paulo Freire (1987), a medida que procura defender um sistema pedagógico, autônomo, instigante libertador no processo educativo baseado na troca, na coletividade, uma pedagogia da pergunta e não da resposta, em contraposição ao sistema da educação, bancário, mecanizado, individualizado, tão frequentemente observado nas escolas com modelos tradicionalistas, com uma relação engessada e hierarquia entre professores e alunos

O sistema capitalista, Infelizmente, ainda hoje, reproduz em seu modelo de educação tradicional dentro das escolas, o ambiente hierárquico e tecnicista de produção fabril, uma pedagogia do oprimido, ou seja, onde todos os alunos estão perfilados por cadeiras uma atrás da outra, uniformizados, professor no

quadro tida os conteúdos e disciplinas a serem estudados, os alunos por sua vez obedecem e copiam sem questionar, negando ser necessário o sentido da busca para a construção de todo e qualquer conhecimento.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo se, na práxis, com a sua transformação, o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de libertação (FREIRE, 1987, p.41) .

Na visão de Paulo Freire (1987), a educação funcionaria como uma ferramenta educativa de igualdade social, a pedagogia libertadora, viria libertar o indivíduo oprimido pelas classes sociais desse sistema. A educação viria para sanar as amarras que a vida social nos impõe, expandindo o ser humano para além dos muros da escola e das limitações que regem a vida social e familiar.

O projeto da Escola da Ponte constitui um sinal de esperança para todos os que acreditam e defendem a possibilidade de construir uma escola pública aberta a todos os públicos, baseada nos valores da democracia, da cidadania e da justiça, que proporciona a todos os alunos uma experiência bem-sucedida de aprendizagem e de construção pessoal. (PACHECO, 2014, p.14).

Em se tratando da Escola Municipal da Ponte podemos observar que a sua metodologia diferenciada começa desde a arquitetura que foi projetada para ambientes onde se reúnem diversos alunos com idades e perfis diferenciados, sem turmas ou mesmos séries, que se reúnem coletivamente em espaços bem colorido e com mesas redondas, com música ambiente, trocando experiências e conhecimentos com outros alunos e sendo mediados por professores aos quais chamam de tutores e desenvolvendo competências sócio-emocionais.

Esse sistema de educação único, organizam os alunos por grupos, sem aulas expositivas orientados por seus tutores, aos quais serão escolhidos no início de cada ano, tem a função de avaliar seus discentes a cada 15 dias, e

o tipo de avaliação pode ser expositiva, descritiva, por meio de seminário e outras ficando a critério de escolha do educando. Os alunos fazem um roteiro de estudo diariamente, organizando os horários e disciplinas a serem estudados e também os intervalos para lanche e recreação, segundo as suas necessidades, toda dúvida que tiverem são tiradas pelo professor-tutor.

Esse sistema pedagógico procura trabalhar sempre a individualidade dos alunos contando com o apoio da família e da comunidade baseado em valores, como autonomia, solidariedade, responsabilidade, empatia, liberdade. A metodologia diferenciada de ensino passa por três níveis para a formação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, Iniciação, consolidação e aprimoramento são três fases por qual o educando deverá passar para a construção do conhecimento. O aluno é o centro da escola, tendo a oportunidade de trabalhar em equipe, regras são importantes e determinadas na Escola da Ponte, onde cada aluno possui uma responsabilidade, todos participam da escolha das pautas que serão discutidas em assembleias juntamente com os pais, funcionários e a comunidade.

O que a destaca e a preocupação com a formação pessoal, o equilíbrio e a cidadania. As crianças adquirem a capacidade de pensar independentemente e do criar livremente. Por isso, quando saem dessa escola, conseguem melhorar resultados do que crianças de outras escolas, que apenas aprendem a repetir os tais ensinamentos dos professores. Os primeiros pensam, criam e são livres. Os segundos repetem, por isso não pensam, se tornam refém dos interesses alheios (FERREIRA, 2014, p.209)

O autor Claudio Ferreira (2014), nos faz refletir sobre o aspecto de responsabilidade social na Escola da Ponte, onde o aluno tem a oportunidade de trabalhar em projetos que visam a sustentabilidade, preservação ambiental, nutrição e outros. É necessário despertar para consciência dos direitos e deveres de cada aluno na formação plena da cidadania. É difícil conseguirmos uma educação que funcione para além de um adestramento cognitivo se continuarmos tratando os nossos alunos de forma quantitativa e não qualitativa ao reconhecer que cada aluno possui uma realidade específica e que esse projeto político pedagógico precisa sanar essas necessidades e diversidades ou seja reconhecer a experiência sociocultural desses jovens e crianças.

Assim, os professores dentro de uma escola transformadora devem tratar seus alunos de forma atenciosa, afetiva e cuidadosa ajudando a construir uma sociedade de indivíduos participativos e democráticos, considerando se a experiência do aluno no ato de ensinar, permitindo desenvolver um conteúdo personalizado, metodologias que considerem as diferentes cognições pessoais e culturais.

As escolas transformadoras, como a Escola da Ponte apresentam resultados superiores a modelos tradicionais, na sua matriz curricular e no projeto político-pedagógico, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo como um todo, pois, o sistema educacional que não limita as crianças que não atingem notas satisfatórias em algumas disciplinas.

Na Escola da Ponte, o aluno aprende a aprender a buscar informações, conhecimento por meio de livros, internet, interações com o outro, no próprio meio ambiente etc. E para manter o desejo das crianças aceso nessa aventura da descoberta por novos saberes que é necessário respeitar as perguntas desses alunos, o que ele realmente desejam conhecer e não silenciar as suas vivências educativas, incentivando-os com liberdade a serem protagonistas dos seus próprios processos de ensino-aprendizagem e estimulando-os a questionar o que está posta e ir além das fórmulas pré-estabelecidas.

As crianças se deslocam para o espaço das expressões, que é uma sala como as outras e usam mesas e cadeiras ou colchonetes, dependendo das atividades. No momento do trabalho de artes, os três professores estão juntos e o trabalho acontece, majoritariamente, a partir de temas mobilizados pelas datas significativas, que as crianças decidem que sejam importantes para trabalharem (...) São sempre as crianças que definem se trabalharão sobre um determinado tema e o que e como será feito. Elas são de fato protagonistas, autoras contando com a mediação dos professores (PACHECO, 2014, p.46)

Referente na Escola da Ponte a função de artes acontece de forma integrada entre professores e alunos de expressão dramática, expressão plástica e expressão musical. De acordo com a necessidade os horários de encontros são estabelecidos, reunindo as crianças em salas que são equipadas para que haja os encontros, onde os três professores de arte trabalham conjuntamente os temas estabelecidos por datas prioritárias para

os docentes, nesse contexto as crianças exercem seu protagonismo ditando os passos a serem seguidos para o espetáculo artístico, tudo contando com a mediação dos professores – tutores. No final, acontece sempre uma apresentação para toda comunidade, existe uma gama de riqueza em conteúdo e em diversidade.

Escolas transformadoras em nosso ‘Brasil Brasileiro’

Diante dos inúmeros desafios vivenciados no cenário da educação da atualidade, as escolas têm buscado a inovação e diversas alternativas de metodologias e práticas educacionais, com o objetivo de potencializar o aprendizado integral de crianças e jovens. É nesse contexto que surge no mundo há, aproximadamente nove anos, e no Brasil, há quatro anos, as Escolas Transformadoras, que são uma iniciativa que identifica, reconhece e engaja escolas de todo o país que estão construindo novos caminhos rumo a uma educação verdadeiramente transformadora.

O programa Escolas Transformadoras é uma iniciativa da Ashoka, uma comunidade de empreendedores sociais do mundo. Fruto da crença de que todos podem ser agentes transformadores da sociedade, o programa enxerga a escola como espaço privilegiado para proporcionar experiências capazes de formar pessoas com senso de responsabilidade pelo mundo. Crianças e jovens aptos a assumir papel ativo diante das mudanças necessárias, em diferentes realidades sociais e amparados por valores e ferramentas como a empatia, o trabalho em equipe, a criatividade e o protagonismo.

O programa teve início nos Estados Unidos, em 2009, e, de lá para cá, espalhou-se por 35 países. E hoje, essa rede é formada por mais de 270 escolas, sendo 21 brasileiras. No Brasil, a iniciativa foi lançada em setembro de 2015, em cor realização com o Instituto Alana.

Segundo informações coletadas no site oficial das Escolas Transformadoras, após um criterioso processo de reconhecimento, as escolas

são convidadas a compor uma comunidade formada por diversos atores-chaves que comungam da visão de que todos podem ser transformadores. Fazem parte desse grupo empreendedores sociais e outros líderes do setor social, jornalistas, professores universitários, gestores públicos e jovens transformadores.

Essa comunidade ativadora entende a criança e o jovem sob uma perspectiva integral do desenvolvimento, em que corpo, emoção e razão não se separam, e todos são essenciais para a constituição de pessoas livres, independentes e capazes de se relacionar de maneira empática para buscar soluções que melhorem o mundo hoje e no futuro. As experiências e trajetórias das escolas e dos demais integrantes da comunidade do programa Escolas Transformadoras inspiram e ajudam a ampliar a demanda social por esse tipo de educação e sociedade.

Ao reconhecer, promover e conectar Escolas Transformadoras, entre si e com comunidades mais amplas, buscam contribuir para que as equipes dessas escolas se posicionem como líderes de uma profunda transformação no cenário educacional do país e do mundo.

Mais do que criar ou replicar um novo programa ou currículo, trata-se de lutar por uma mudança de mentalidade e visão sobre a educação. De criar e promover, de forma coletiva, um novo marco de referência para a educação, ajudando toda a sociedade a entender que o mundo complexo e em constante mudança de hoje demanda que as crianças e jovens cresçam com a capacidade de praticar a empatia e as demais competências que os permitam ser agentes de transformações sociais positivas.

O programa promove rodas de conversa e debates, organiza publicações, conecta e promove o engajamento de sua comunidade ativadora a parceiros, como órgãos públicos, veículos de imprensa e editoras, faculdades de educação, além de sindicatos, associações e movimentos no campo da educação, infância e juventude, para assim construir um mundo de pessoas transformadoras,

Ainda segundo informações coletadas no próprio site das escolas Transformadoras, que costuma ser frequentemente atualizado, são

consideradas pertencentes ao programa as seguintes escolas, centros, associações e institutos:

- Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo (DF);
- O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA): situado em Campo Limpo, na zona sul da cidade de São Paulo (SP);
- O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Hermann Gmeiner: uma escola pública da cidade de Manaus (AM);
- Colégio Equipe (SP);
- Colégio Viver (SP);
- A Escola Municipal Professora Aciméa de Oliveira Nascimento que é uma escola pública localizada no município de Teresópolis (RJ), no bairro de São Pedro, dentro do Complexo do Tiro da Guerra, região de alta vulnerabilidade social e considerada a mais populosa do município, sendo composta de diversas comunidades e poucos equipamentos públicos;
- A Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa está situada no município de Pentecoste (CE);
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima situada na Rua Corinto, em São Paulo (SP);
- Escola Amigos do Verde (RS);
- Escola Comunitária Luiza Mahin que está situada no Bairro Uruguai em Salvador;

- Escola Municipal Anne Frank está localizada no bairro Confisco, comunidade de alta vulnerabilidade social na região da Pampulha, Belo Horizonte (MG);
- Escola Municipal Professor Paulo Freire, localizada no bairro Ribeiro de Abreu, região marcada por extrema vulnerabilidade social na periferia de Belo Horizonte (MG);
- Escola Municipal Professor Waldir Garcia, em Manaus (AM), que é a primeira da Região Norte do país a integrar a comunidade;
- Escola Nossa Senhora do Carmo, mais conhecida como Escola do Carmelo (PB);
- Escola Pluricultural Odé Kayodê (GO);
- Escola Projeto Âncora (SP);
- Escola Rural Dendê da Serra (BA);
- Escola Vila, localizada em Fortaleza (CE);
- A Escola Vila Verde (GO): é uma escola particular que atende crianças de 3 a 6 anos da educação infantil, na unidade urbana, e crianças de 7 a 12 anos do ensino fundamental, na unidade próxima ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, no município de Alto Paraíso de Goiás, uma região típica da vegetação do cerrado;
- Instituto Federal do Paraná (IFPR – Campus Jacarezinho) – (PR);
- E por fim, o Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA) que oferece Ensino Técnico de Formação Profissional em Agroecologia para 1.250 estudantes nas unidades de Glória do Goitá, na região da

Zona da Mata, e Ibimirim, no Sertão do Moxotó, em Pernambuco (PE).

O que essas instituições possuem de tão importante ou especial que merecem esse destaque? Todas elas atendem aos quatro critérios básicos para o pertencimento ao ranking do programa de Escolas Transformadoras, no Brasil, pois precisam:: ter alinhamento com a visão de que todos podem ser transformadores; enxergar os alunos como sujeitos ativos de suas aprendizagens; demonstrar capacidade de inovação na aprendizagem oferecida, visando não apenas à educação formal; e ter condições para influenciar o ecossistema da educação no Brasil, trazendo novas soluções.

Escolas transformadoras em Manaus: Um olhar mais sensível

Em Manaus, região norte do País, pertencente ao estado do Amazonas, duas escolas se destacam e hoje integram o programa de Escolas Transformadoras:, são elas: a Escola Municipal Professor Waldir Garcia, em Manaus (AM) e mais recentemente, O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Hermann Gmeiner, todas duas, escolas públicas, são as únicas da região norte a serem reconhecidas como escolas transformadoras saindo do 23º lugar do Índice de desenvolvimento da educação Básica- IDEB para ocuparem o protagonismo entre as dez escolas transformadoras do Brasil, com o melhor desempenho.

Conhecendo a Escola Municipal Professor Waldir Garcia

A Escola Municipal Professor Waldir Garcia é a primeira da Região Norte do país a integrar a comunidade das Escolas Transformadoras, atuando

como um lugar de encontro e articulação. Fundada em 1987, a instituição escolar está localizada em uma área de igarapés, e atende cerca de 226 alunos do ensino fundamental em uma região de vulnerabilidade social.

Além da relação estreita com a comunidade, a Waldir Garcia também se destaca por ser um espaço aberto à diversidade. Uma porcentagem significativa de seus alunos são imigrantes de países que vivem crises humanitárias, como Haiti e Venezuela, e a escola no dia a dia busca sempre grande empatia em acolhê-los. A escola é considerada modelo em Manaus por criar, de forma coletiva, um currículo que valoriza a criança de forma integral e por desenvolver programas próprios, além dos programas governamentais.

Em 2005, quando a atual gestão da escola assumiu o comando da instituição, identificou que os principais problemas eram: a evasão escolar e os baixos índices de desempenho. Segundo a diretora Lúcia Barros, parte dos alunos deixava de ir à aula para pedir dinheiro nas ruas. Diante desse cenário, a atual gestão fez parcerias com o Conselho Tutelar, por meio de reuniões e palestras, para resgatar crianças das ruas e fazer da educação um caminho para a transformação.

Para isso, a gestão da escola aumentou a carga horária da permanência da criança na escola, criando oficinas de capoeira e dança e atividades culturais no contra turno escolar, ministradas pelos próprios professores como forma de ocupar de forma qualitativa o tempo desses alunos e a boa relação deles com os seus colegas de turma e também com os professores, para que pudessem ser mais amigos e colaborarem uns com os outros.

Além disso, a gestão percebeu a importância de criar ambientes de diálogo com a comunidade ao redor da escola. O espaço escolar foi aberto aos fins de semana, oferecendo sessões de cinema, atividades na biblioteca, telecentro e disponibilizando a quadra para esportes e recreação. A comunidade ainda utiliza alguns locais da escola para manifestações festivas e culturais etc.

A Escola Waldir Garcia é considerada uma Escola Transformadora porque se assume como um espaço em constante transformação. Os

educadores que trabalham nela entendem que não há um único formato de educação transformadora e são sensíveis à percepção do quanto precisam se reinventar e mudar. e além disso, a escola se compromete com o desenvolvimento dos alunos em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural. O espaço entende que o trabalho baseado em valores como amizade, solidariedade, compaixão e tolerância resgata o espírito comunitário e isso sim é sinônimo de progresso ou avanço, quando o assunto é educação, em uma perspectiva transformadora.

As práticas e as Competências Transformadoras

O Coletivo Escola Família do Amazonas (CEFA) é um grupo independente de famílias interessadas em fornecer a seus filhos uma educação pública democrática e integral. Começou a atuar na Waldir Garcia em 2016, trazendo novas perspectivas para a educação integral. Com o apoio do CEFA e parceiros, professores e gestores da escola conheceram alguns modelos de escola nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Inspirados por essas iniciativas, iniciaram transformações profundas em fevereiro de 2017.

Juntamente com o CEFA, a escola vem transformando suas práticas. O diálogo com os pais do coletivo – que apoiam a escola em questões que vão desde infraestrutura e mutirões até reflexão sobre a gestão – e o trabalho em sala de aula caracterizam a Waldir Garcia como um local onde muitas equipes se articulam, se integram e se somam para fortalecer a ação de cada um.

Ao pensar em uma educação que concebe o sujeito de forma integral e para além dos aspectos cognitivos, as relações interpessoais assumem importante papel no processo educativo. Assim, a criatividade, o protagonismo, a empatia e, principalmente, o trabalho em equipe estão presentes na escola e são valorizados como competências importantes para a integralidade do sujeito.

Depois de professores retirarem as carteiras tradicionais das salas de aula, esses espaços passaram a comportar mesas redondas para seis

estudantes, agrupados de forma heterogênea. A figura central do professor como detentor do conhecimento perdeu força, e, desse modo, o processo de ensino e de aprendizagem foram reformulados de maneira mais democrática.

Relatório de Visita Técnica e Entrevista na Escola Waldir Garcia

De acordo com Lúcia Cristina Cortez de Barros, professora de letras – língua portuguesa e diretora da Escola Municipal Waldir Garcia durante entrevista realizada em 17 de outubro de 2019, Foram 4 anos nesse processo de integrar à escola, novas pedagogias, onde todos são respeitados, onde o aluno é o grande protagonista e isso deve sempre ser levado em conta, assim como o seu pensamento, o respeito ao seu caráter de gênero, raça e fator sócio econômico, incluindo alunos imigrantes, para que se exercite a empatia.

A diretora também destaca que, por estarmos vivendo em um novo contexto do século XXI, e por ter a sua matriz curricular diferenciada, na escola optou também por acabar com as avaliações tradicionais por motivo de terem elevados índices de reprovação e também evasão escolar.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Waldir Garcia, atualmente é referência no Índice de desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) com a implantação de um projeto pedagógico democrático, baseado na Escola Municipal da Ponte em Portugal e também no Projeto Âncora, existente em São Paulo que contou com a colaboração do educador José Pacheco.

A Gestão da Escola Waldir Garcia juntamente com os pais aderiu às práticas inovadoras educacionais em 2015, pelos altos índices de reprovação e abandono escolar que estavam atravessando e também pelo desafio de praticarem a inclusão, uma vez que o número de estrangeiros (haitianos) era muito grande e não falavam a nossa língua.

Os professores naquele momento, segundo o depoimento da diretora, enfrentavam sérios problemas porque o governo aboliu as salas especiais, e com isso os alunos com deficiência retornavam ao ensino regular, sem falar

nas famílias da comunidade que vivia nos arredores da escola e foram retiradas dos casebres onde viviam, e por tudo isso o número de alunos caiu de 618 para aproximadamente 200 alunos, algo que a preocupou bastante.

O "Mais Educação" e a "Escola aberta aos finais de semana", projetos financiados pelo governo federal em 2015, garantiam o contra turno com realização de oficinas ministradas por instrutores, mantendo os alunos na escola e interessados na aprendizagem dos conteúdos a serem ministrados., Evitando assim, que esses alunos ficassem nas ruas pedindo esmolas ou mesmo vendendo mercadorias nos sinais de trânsito no horário escolar, porém quando esses projetos deixaram de existir por falta de verba era necessário pensar uma solução cabível para que a escola Waldir Garcia não fechasse as portas por falta de alunos.

Então, um grupo de trabalho (estudo) formado por pais de alunos que eram professores universitários, juntamente às secretarias de educação e os pedagogos da escola Waldir Garcia foram encarregados de criar uma proposta pedagógica transformadora e de tempo integral para que a escola continuasse o seu funcionamento além da carga horário antes prevista que era de 07h às 12h, e assim, com o aumento carga horário dos professores, a escola passou a configurar-se como uma escola educação integral.

É Importante destacar que inicialmente pais, professores e alunos encontraram muita dificuldade com esse novo sistema educacional, havendo um período de adaptação porque saiam de um regime disciplinador tradicional, quase militar, com cadeiras enfileiradas, para ser substituído por um regime democrático, onde o aluno possui total autonomia e que esses professores, pedagogos, não deixavam de estudar esses novos conceitos, pedagogia democrática, com a proposta de uma formação continuada, aderiram a proposta de uma educação integral e com ela criando se Tutoria, grupos de responsabilidade, roteiro de estudos, dentre outros.

As escola Waldir Garcia passou a não ser mais fragmentada, com divisões com a diretora mandando em tudo e todos obedecendo, e passou a ter a metodologia de uma escuta sensível que ouve alunos, pais, professores, funcionários, abrindo espaço de diálogo dentro da escola por meio de

assembleias semanais onde deveriam ser discutidos temas importantes para todos.

Lembrando que o CEFA (Coletivo Escola Família Amazonas) foi de fundamental importância nesse momento de transição do modelo tradicional para escola democrática, pois para a gestão e equipe de trabalho da escola Waldir Garcia, a função da tutoria está além do sentido de que apenas mestres que tiram dúvidas (reforço) dos alunos que sentem dificuldades em determinadas disciplinas. Tutores são pessoas de vários segmentos da escola, num processo colaborativo, gestão compartilhada, vários colaboradores da escola desde a merendeira, serviços gerais, dentista, pais de alunos tendo ou não formação acadêmica, com horário disponível, todos serão educadores, de igual importância, nesse modelo de escola democrática.

Uma vez escolhido por um sistema seleção, os tutores selecionados são capacitados constantemente para cada vez mais desempenharem essa função com excelência. Quando o aluno ingressa na escola ele já escolhe qual tutor lhe acompanhará do primeiro ano ao quinto ano, estabelecendo assim uma relação de confiança, amizade e de escuta, por meio de rodas de conversa, onde cada criança pensa e arquiteta seu projeto de vida, trazendo para si responsabilidades, aproximando diversos setores da escola, desburocratizando as relações existentes com o passar dos anos, e Trabalhando os quatro pilares da educação integral, que são o protagonismo, a criatividade, a empatia, o trabalho em equipe para a formação de pessoas transformadoras.

Após todas essas mudanças de paradigmas e de sistema de ensino e aprendizagem, hoje, a escola Waldir Garcia, não possui mais elevados índices de reprovação porque resolveu abolir as avaliações, e todos os alunos são aprovados no final do ano, por meio da auto avaliação onde cada aluno atribui sua nota respeitando alguns critérios estabelecidos, e avaliando o aluno em todas as dimensões, pois a nota não é o mais importante e sim o processo vivenciado até a sua auto avaliação, sem incentivar a competição entre os alunos.

Nesse novo conceito de educação, todos são respeitados nas suas diferenças, dificuldades e todos aprendem e ensinam pelo sistema de

colaboração. Buscando estratégias dentro das oficinas (desportos, artes, horticultura) para ajudar esses alunos com maior grau de dificuldade a aprenderem conteúdos das disciplinas, de forma lúdica, respeitando a filosofia da escola de não deixar nenhum aluno pra traz.

Respeitar o tempo e o ritmo de cada aluno, personalizando as estratégias que serão aplicadas ao processo de ensino e aprendizagem e o mais importante, auxiliando a formar um aluno autônomo, produtivo, crítico, criativo, solidário, para atuarem em família e na sociedade

Segundo ela, é importante destacar que os professores possuem onze horas semanais para planejamento e estudo, numa formação continuada e também possuem tutores que são professores universitários ou amigos de secretarias que contribuem para o seu aprimoramento e formação. Tendo projetos como o Almoço pedagógico, momento de estudo e troca de saberes entre professores e pedagogos; e o projeto “Temperos do Saber”, aproximando a família da escola, consiste nas receitas ensinadas aos alunos pelos pais e degustada por todos, valorizando a diversidade cultural.

Outro projeto da escola, fica por conta do teatro que defende a pluralidade cultural, trabalhando com as oficinas de dança, literatura, coral para que no final do ano, possam apresentar um musical de natal, onde todos participem do espetáculo (pais e alunos) brasileiros e estrangeiros, contribuindo de alguma forma nas funções de dramaturgia, figurino, interpretação, cenografia, direção entre outras, aproveitando os diversos saberes que cada um traz consigo.

Referente à matriz curricular das disciplinas que são ministradas são cerca de 20 horas semanais para as disciplinas obrigatórias e 15 horas semanais disponíveis para oficinas de forma integrada. As assembleias são realizadas uma vez por semana e as pautas são organizadas pelos próprios alunos, onde eles discutem temas de interesse coletivo e que são pertinentes ao seu cotidiano.

Que tal conhecer o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Hermann Gmeiner?

O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Hermann Gmeiner é uma escola pública da cidade de Manaus (AM) que fica localizada em terreno amplo e arborizado da ONG Aldeias Infantis SOS de Manaus, alugado pela Prefeitura Municipal, junto a outras duas escolas com as quais divide alguns espaços. A escola está situada em área periférica da cidade, atendendo crianças de nove bairros da região, a maioria oriunda de famílias de baixa renda, além de outras da própria ONG.

Também com o apoio do Coletivo Escola Família Amazonas (CEFA), movimento da sociedade civil engajado na luta por uma educação pública de qualidade, a escola iniciou em 2016 um processo de transformação em seu projeto político-pedagógico, afastando-se do ensino tradicional. Antes, a escola usava muito pouco seus espaços amplos e bosques, e o processo de alfabetização iniciava-se muito cedo, por meio do uso de sistemas apostilados.

Após muita reflexão sobre o currículo da escola, tais materiais deixaram de ser utilizados, pois percebeu-se o excessivo direcionamento das atividades para as crianças e educadores com pouca liberdade de trabalho. Hoje, as propostas pedagógicas são desenvolvidas pelos próprios educadores da escola, norteadas por um documento construído por especialistas e pela Secretaria Municipal de Educação. Com a nova diretriz, há uma grande troca de saberes, resultados e referências entre os educadores, coordenadores e com a diretoria, que se desafiam a criar “um novo formato de educação infantil”.

A mudança no projeto político-pedagógico da escola, orientada pela concepção de Educação Integral e Escola Democrática, já renderam muitos frutos. O índice de evasão da escola, por exemplo, foi diminuindo ano a ano. Outra transformação resultante da nova proposta é o aumento da disposição dos professores e funcionários, em função do fato da escola ter se tornado um ambiente mais fértil e acolhedor.

Segundo a diretora Zilene Maia Trovão, em entrevista ao site das escolas transformadoras eles passaram a adoecer menos, e conseqüentemente também a faltar menos.

Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Hermann Gmeiner é considerado uma escola transformadora porque tanto a equipe gestora quanto os professores acreditam que a educação é o caminho da transformação. A escola está de portas abertas para acolher a comunidade e a diversidade, e defende que a educação pública de qualidade é um direito de todos. A nova proposta da escola prioriza a importância da escuta e do protagonismo das crianças, especialmente por meio das múltiplas linguagens e formas de ser e estar dos pequenos, os quais constroem o processo educativo junto a outros atores.

As crianças escolhem temas de interesse para estudar e compartilhar com todos a partir de propostas de atividades elaboradas pelos educadores, que veem no brincar e na educação experiencial o espaço mais propício para o estímulo do protagonismo. Os estudantes são a escola, assim como todos que compartilham daquele espaço.

A escola tem um modelo de gestão democrática e participativa em desenvolvimento, compatível com a idade dos estudantes. Entre as ações que sustentam esse modelo estão as assembleias, encontros quinzenais da comunidade escolar para discutir problemas, soluções e proposições. Esse é um espaço bem importante de participação dos alunos, que decidem sobre qualquer assunto que permeia o contexto escolar. Os estudantes escolhem ainda os “diretores de sala”, que os representam e dialogam com mais frequência com a direção da escola para levantar suas questões e a dos colegas.

O processo de transformação pedagógica da escola evidencia aos educadores o quanto eles aprendem junto com os estudantes. Os professores escutam as crianças, valorizam seus interesses e possibilitam que elas experimentem. Ali, os estudantes são preparados para a vida e não apenas para a próxima etapa da aprendizagem. Essa nova forma de se relacionar com

os alunos e com a comunidade escolar são determinantes para a ampliação do olhar sobre educação e para o processo formativo dos docentes.

O CMEI Hermann Gmeiner não atua isolado de seu território, pois compreende que educação não se faz sozinha. Sendo assim, a escola busca desenvolver um trabalho educativo em uma rede de articulação com outros atores sociais: a Secretaria Municipal de Educação – atuando não só nas atividades convencionais da rede, mas também apoiando e participando de um grupo de estudos de educação integral –, o CEFA, além de parcerias com empresas e organizações e, principalmente, com a ONG Aldeias Infantis SOS.

Após sua transformação pedagógica, o CMEI Hermann Gmeiner passou a receber, semanalmente, estudantes de cursos de Pedagogia de universidades de Manaus e região que têm na escola uma referência em educação infantil transformadora.

A nova visão da escola despertou a unidade, o respeito e a solidariedade, além de ter estimulado práticas pedagógicas que estavam adormecidas e eram desacreditadas pelos educadores. A escola também vem trabalhando o protagonismo das famílias de diversas formas. A principal delas é feita com o CEFA, que tem uma participação ativa junto à gestão da escola na articulação e transformação do projeto pedagógico.

Em entrevista realizada no dia 02 de Outubro de 2019, a diretora do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Hermann Gmeiner, Zilene Maia afirmou que A nova proposta pedagógica defendida pelas escolas transformadoras da atualidade, toma para si a responsabilidade educar nossas crianças e jovens com uma educação integral cujo compromisso deve ser em trabalhar todas as habilidades e competências do aluno, desenvolvendo a criatividade durante processo de ensino e aprendizagem e garantindo qualidade de vida para educando e educadores em ambiente escolar.

Uma nova proposta transformadora: A Escola da Floresta e suas raízes Nortistas

A dimensão geográfica da região norte e sua área territorial de florestania por onde navegam há séculos nossas embarcações, banhadas por esses rios amazônicos que mais parecem mares, patrimônio imaterial, legado desse povo moreno, faceiro caboclo, que se originou do cruzamento entre índios, brancos e nordestinos que habitavam nossa região.

É comum ao pensamento de outras regiões do país que a região amazônica é outro país, devido ao afastamento logístico e geográfico de suas cidades em relação aos centros urbanos, do resto do Brasil, ainda que Manaus, seja considerada a capital mundial do meio ambiente e também historicamente a principal cidade da região norte, durante o ciclo econômico da borracha a ter importantes avanços, como, luz elétrica, bondes, cinematógrafo, Teatro de Ópera, em meados do século XIX.

Nesse contexto, é possível perceber que a nossa identidade cultural e formada de uma gama de influências desde a culinária, a medicina tradicional, as danças e festivais folclóricos, as brincadeiras de rodas, as canções e expressões regionais, festejos religiosos tudo leva um pouco de cada gente e um pouco também da herança de nossos ancestrais

Mas como levar toda essa dimensão cultural para outras áreas de conhecimento e para que elas não se percam das futuras gerações, durante o caminho será certamente nosso grande desafio. E assim, como os pés fincados na terra e o pensamento mata a dentro que nasce o desejo de possuir uma escola que tenha compromisso com todo o percurso, o caminho que trilhamos até aqui, e pelo qual podemos avançar em direção ao futuro.

Filosofia da escola

A Escola da Floresta a que me refiro é uma escola de dimensão holística, mente sã corpo são, sustentável que defende um projeto pedagógico

democrático baseado na educação integral (processo formativo contínuo)que valoriza princípios como (dois pontos) autonomia, afetividade, criatividade, responsabilidade, liberdade, honestidade, empatia, solidariedade trabalho em equipe. Auxiliando a formar profissionais e seres humanos capazes de transformarem a si mesmos e a sociedade, desenvolvendo competências físico, emocional e espiritual para agirem de forma integrada, produtiva e saudável com o outro e o meio ambiente que o cercam. Levando em conta os fatores físicos, sociais e culturais do indivíduo nortista, suas potencias e particularidades, respeitando todo seu processo histórico vivenciado.

Arquitetura

Penso que projeto arquitetônico da Escola da Floresta deva ser em um ambiente propício, afastado da cidade, como numa fazenda, num sítio, um ambiente onde ainda seja preservado uma área florestal, banhado por um igarapé, riacho ou mesmo um rio.

E assim, o espaço físico onde a escola será construída não será diferente dos componentes curriculares a serem ministrados. Tudo estará em perfeita sintonia com os conteúdos a serem ministrados (disciplinas obrigatórias e também extracurriculares).

No entorno, os alunos também terão o convívio com animais como cavalos, vacas, patos e galinhas onde nada será desperdiçados mas sim reaproveitado e por exemplo, as fezes dos animais poderão servir como adubo para plantas e horta orgânica, (compostagem) cultivada pelos próprio professores funcionários e alunos que serão envolvidos de forma integral em todas as atividades da escola.

As plantas medicinais, muito ricas em conhecimento e saúde também serão cultivadas e conhecidas pelos alunos durante o passeio na trilha que irá desembocar no riacho e onde os alunos possam obter novos conhecimento sobre o poder medicinal de plantas amazônicas.

O modelo da estrutura física da escola a ser construído será com três andares, ficando no segundo andar, banheiros, dormitórios, laboratório de informática e salas para desenvolver oficinas, aulas de teatro, dança, música (vocal e instrumental) sala de massagem, cromoterapia, aromaterapia e manipulação de florais e no primeiro andar ficarão as salas de estudos, banheiros, secretaria, diretoria, orientação psicopedagógica, recepção e a guarita da escola. Já no terceiro andar ficando somente a biblioteca virtual e física e o cinema, tudo com visão panorâmica da floresta e teto solar.

Toda a escola será feita de madeira sendo as janelas teladas mesmo com ar condicionado e as salas de estudos com uma porta grande que permitirá acesso diretamente para área externa (pátio), onde terão a opção de estudar ao ar livre com mesinhas em chapéus de palha ou mesmo à sombra de uma árvore. O telhado será feito com telhas de barro e o piso de encaixes de madeira para o ambiente ser mais fresco, permitindo que os alunos andem descalços dentro da escola.

Também na área externa ficará o parquinho feito com brinquedos de madeira e cordas pintados por uma artista plástico com tintas coloridas, mais adiante teremos o anfiteatro ou teatro multifuncional da escola onde serão apresentados os espetáculos e montagens encenadas pelos alunos, todo projetado de madeira e vidro dando uma visão da paisagem natural. Esse espaço possui também um espaço para oficina de pintura e confecção de cenografia, adereços, bonecos e figurinos.

As salas são amplas, arejadas, coloridas, decorada por quadros e escultura feitas artesanalmente, pelos próprios alunos, uma armário de madeira para guardar material, bolsas e mochilas de pano, um grande mural sustentável para recadinhos, lembretes, e divulgação da programação e eventos, mesas redondas e cadeiras feitas de madeira reciclada, Pufes coloridos feito de garrafas pets, cada sala possui um filtro de barro com canecas personalizadas, de maneira que o aluno se não quiser não precisa sair da sala de aula para beber água.

Educação Ambiental

Lembrando que na Escola da Floresta o recurso natural hídrico também será renovável ou seja, a água do banho irá para a descarga, e irrigação da horta e jardinagem, e também o consumo de energia será consciente (energia solar) com coletores de lixo espalhados por toda escola, cada um com sua finalidade específica, sem contaminação e desperdícios.

Nutrição orgânica

Na parte externa, uma extensa área onde ficaram a cozinha e o forno a lenha e o de barro, construído especificamente para cozer pães, bijus, e assados de peixe na palha da bananeira e outros pratos da culinária regional e natural. Onde geralmente as oficinas de culinária são ministradas pelos instrutores professores, ensinando aos alunos o reaproveitamento de cascas de frutas, sementes e vegetais buscando uma alimentação mais nutritiva e saudável

Na área externa, os alunos tem ainda atividades como capoeira, yoga, equitação, pintura em tela e tecido, todo tipo de artesanato, feito com materiais trazidos pela natureza e material reciclável, oficina com óleos essenciais e florais, as brincadeiras com cantigas de roda, as danças folclóricas.

Sustentabilidade

O jardim também terá diversas plantas e flores ornamentais onde os alunos poderão fazer a jardinagem (regar e cuidar) e também todos os dias

poderem realizarem a decoração natural de vários ambientes da escola. Na área externa perto do igarapé terão a possibilidade de se construir uma oca podendo quando quiser acender uma fogueira e cantar, tocar, dançar e contar lendas na lua cheia, ou mesmo receber visita de representante de tribos indígenas, ficando em contato com nossas raízes ancestrais.

Componentes curriculares

Quanto a questão do projeto pedagógico ou seja, os conteúdos e metodologias a serem aplicados, podemos dizer que durante o ano letivo o planejamento das aulas ministradas pelos professores constam as disciplinas da matriz curricular (dois pontos) Português, Inglês, Literatura, Matemática, Física, Química, Biologia, História do Brasil (e do Amazonas), Geografia, educação física. Sendo integradas por outras disciplinas opcionais, extracurriculares, informática, educação ambiental, nutrição, gastronomia, massoterapia, filosofia, sociologia, áudio visual. Todas essas a serem lecionadas do sétimo ao nono ano.

Material escolar

Na escola da floresta existe um material didático criado pelo próprio professor, todo ele feito de material reciclado. Durante as aulas expositivas, este também é disponibilizado para o aluno, que deverá copiar os apontamentos e exercícios do quadro para o caderno personalizado, criativo, sustentável que funciona como uma espécie diário de bordo, com fotografias, recortes de revistas e jornais, pinturas e desenhos, todas e quaisquer impressões estimuladas pelo tema, (conteúdo daquela aula) e desenvolvido pelos próprios alunos.

Processo pedagógico

Importante destacar que nessa escola transformadora quem troca de sala e o aluno que se desloca para a sala onde serão ministradas as disciplinas obrigatórias ou não, de acordo com seu roteiro diário, os alunos dividem suas aulas por tempos, sem estarem divididos necessariamente por série nem por turma. Esse perfil de classe multisseriada permitem aos alunos de idades e experiência diferenciadas, uma troca enriquecedora e única, um ensinando e aprendendo com o outro, durante os momentos de realizar pesquisa, trabalhos, exercícios, recreação ou mesmo nas avaliações. Aprendendo e interagindo uns com os outros e o mundo que os cerca.

Lembrando que durante as atividades de pesquisas para responder os exercícios e trabalhos passados pelo professor, os alunos contam com um acervo da biblioteca física e virtual, além de livros pedagógicos, internet ou mesmo por meio de entrevistas, interação com o outro e observação do meio ambiente.

Modelo de avaliação

Mas como podemos avaliar nossos alunos para saber em que nível de conhecimento eles se encontram em cada módulo? e que tipo de avaliação será implementada? Na escola da Floresta os alunos são avaliados em três níveis de aprendizagem dos conteúdos a serem aplicados em cada semestre, nível básico, nível médio e nível avançado. Os modelos de avaliação estabelecidos segundo a Escola da Ponte em Portugal, também variam de acordo com a necessidade que cada aluno apresenta naquele momento, descritiva, oral, seminário ou expositiva.

Missão da escola

A missão da escola é formar indivíduos autônomos, responsáveis, conscientes, livres, solidários, participativos, inteligentes, criativos, afetivos, formando seres humanos capazes de fazerem a diferença como profissionais e também com competência física, emocional e espiritual para agirem em sociedade.

Pedagogia de projetos

A gestão das escolas, juntamente com os professores ajudam a estimular nos alunos a responsabilidade social e o pleno exercício de cidadania, buscando o engajamento desses educandos na elaboração e execução de projetos que visem a melhoria da escola, da comunidade e consequente da sociedade em que vivem. Lembrando que esses agentes transformadores de hoje (os alunos) serão os líderes sociais de amanhã, auxiliando a construir um mundo mais justo, humano e melhor.

O Teatro na escola

O processo artístico na escola da floresta será democrático durante as aulas os alunos poderão fazer parte de um processo coletivo e colaborativo,

cada aluno escolhe qual função deve desempenhar durante as montagens (dramaturgia, iluminação, figurino, cenografia, sonoplastia, interpretação, coreografia, preparação vocal e corporal), os temas são variados escolhidos por todos, podendo ser também uma escolha interdisciplinar, de alguma matéria que gostariam de trabalhar ou mesmo outro país, ou cultura que desejam investigar para encenar. Todos os professores de arte trabalham conjuntamente (processo colaborativo) o que permite uma vivência enriquecedora e aprofundada da arte na escola.

Lembrando que esse conceito de escola da floresta não foi de forma nenhuma inventado, essa filosofia de vida e pedagógica, do indivíduo aprender a viver em perfeita sintonia com o meio ambiente e também poder exercer suas potencialidades respeitando sua essência, sua verdadeira natureza interior, que é a floresta que habita em nós,(dentro e fora). Essa perspectiva educacional ambiental, já existem em outras partes do Brasil e do mundo como, china, Estados Unidos e Canadá.

Considerações Finais

Portanto, o que se identifica é que ainda há muito caminho pela frente para trilhar no que se refere à arte e a educação no Brasil, em especial na cidade de Manaus que ainda não reconhece o teatro como área de conhecimento, onde as aulas de teatro são em sua maioria sempre ministradas por professores de outra disciplina nos diversos segmentos educacionais. Principalmente no que se refere às escolas transformadoras, onde o aluno é protagonista na construção de seu próprio conhecimento, e por isso, potencialmente também é um pesquisador, que gosta de conquistar novos saberes, se relacionar e trocar experiências e conhecimento com o professor tutores, pais, funcionários, gestores ou alunos dentro de uma metodologia democrática e participativa de liberdade e afeto.

Defendo a tese que cada aluno é um ser único, e está num nível diferente de comprometimento, de amadurecimento intelectual, e isso não pode ser entendido ou negligenciado sem conhecer o contexto em que ele está inserido, seja de sua classe social, gênero, raça, religião etc., pois a sua maneira própria de sentir e enxergar o mundo, deve ser levada em conta, na busca por novos saberes. Assim, a escola torna-se um espaço de encontro, que deve ser prazeroso e agradável, refletindo na vida de cada aluno de uma forma particular, com uma educação integral e transformadora, que vai muito além do que está posto no currículo pedagógico tradicional.

A sociedade globalizada, amplamente tecnológica, e toda essa nova concepção de mundo em que estamos inseridos tem muito a ver com práticas artísticas integradas na educação. Por meio do teatro, por exemplo, é possível potencializar o processo criativo do aluno, indo muito além das práticas metodológicas de ensino da escola, fazendo – o conhecer toda as suas aptidões humanas e profissionais para a construção de um futuro bem-sucedido e feliz.

Finalizo então, essa etapa da minha vida acadêmica, na elaboração desse projeto artístico e pedagógico, desejando ardentemente que num futuro próximo, eu possa juntamente com um coletivo de pessoas tornar a escola da floresta realidade e que ela proponha a partir de uma perspectiva transformadora, um novo paradigma de vida escolar para as famílias nortista e Amazonense. Aceito o desafio, como arte-educadora, de me dedicar e trabalhar dentro desse novo modelo educacional que prima pela integração do educando com a natureza e com ele mesmo, nas dimensões: corpo, mente e espírito para que ele possa de forma mais consciente desempenhar o seu papel social na transformação do mundo que o cerca.

A pesquisa do tema aqui proposto não se esgotou e o meu objetivo é potencializá-la com novas referências e vivências em educação através de um programa de pós-graduação como mestrado que me permita continuar investigando respostas para as indagações que ainda não foram respondidas, sobre quais são os caminhos, desafios e acertos percorridos pelo teatro dentro das escolas transformadoras do século XXI, e a definição de seu papel a partir de uma dimensão imaterial e com alicerces erguidos através de um novo olhar,

uma nova forma de ensinar e aprender com a natureza e seus saberes holísticos, uma Escola da Floresta.

Referências

ESCOLAS TRANSFORMADORAS, Disponível em:
<escolastransformadoras.com.br> acesso em 14 de Dezembro. 2019.

FERREIRA, Claudio. **Educação e saúde mental: reflexão a partir da Escola da Ponte em Portugal**. Rio de Janeiro: Barra livros, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. Petrópolis, RJ: 6.ed. Vozes, 2014.

PACHECO, José; PACHECO Maria de Fatima. **Diálogos com a Escola da Ponte**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. **A pedagogia Waldorf: Cultura Organização e Dinâmica Social** -1. ed. - Curitiba: Appris, 2017.